



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Caminhos no/para o ensino e aprendizagem de Língua Inglesa em espaços escolares
Sinop, v. 8, n. 2 (22. ed.), p. 986-1005, ago./dez. 2017
ISSN 2236-3165
<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

REFLEXÕES SOBRE AS POSSIBILIDADES DE EMPODERAMENTO DAS PESSOAS QUE ESTUDAM NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS¹

Vilma Leite de Albuquerque Conceição

Universidade do Estado do Mato Grosso, Sinop/MT - Brasil

RESUMO

O artigo possui como objetivo investigar a realidade dos estudantes que frequentam a Educação de Jovens e Adultos, nele são abordadas as histórias de vida desses alunos que retornaram a seus estudos. Os dados foram colhidos através de pesquisa participativa e pesquisa bibliográfica em livros e materiais virtuais. O objetivo da pesquisa está em destacar as dificuldades enfrentadas por esses alunos. O referencial teórico foi fundamentado por autores que defendem a educação como forma de libertação tais como Paulo Freire e Lenita Maria Körbes. Conclui-se que a EJA possui papel de destaque na vida desses alunos possibilitando sua independência.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Estudantes e Adultos.

1 INTRODUÇÃO

Acreditando no poder de transformação que a educação permite, estas pessoas encontram no projeto e na EJA incentivo na busca da realização de um sonho. Percebendo que a alfabetização é de extrema necessidade, elas se deparam com o conhecimento dentro do projeto, sendo assíduas e demonstrando vontade de

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **REFLEXÕES SOBRE AS POSSIBILIDADES DE EMPODERAMENTO DAS PESSOAS QUE ESTUDAM NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS** sob orientação da professora Dra. Lenita Maria Korbes, curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2017/01.

aprender cada vez mais. A necessidade traz o interesse de apreender a ler e escrever, pois o seu cotidiano impõe que elas busquem esses objetivos.

Algumas situações diárias, tal como ir ao mercado, ler a bula de uma medicação ou até mesmo escrever o próprio nome, para algumas delas essas situações são extremamente desconfortáveis quando não são capazes, obrigando-as por pedir auxílio a terceiros.

O grupo de alfabetização Maria de Nazaré chegou como um aliado da terceira idade é possível presenciar o avanço das senhoras e dos senhores que frequentam o grupo de estudo. Elas não só querem aprender a compreender o mundo a sua volta, mas participar ativamente dele seja através da escrita, da opinião ou da leitura.

Ao longo da caminhada junto com os alunos do grupo de alfabetização Maria de Nazaré e de alunos da EJA de uma escola municipal, é possível perceber a vontade de aprender, algumas por quererem ter uma maior independência e outra para acompanhar seus netos na escola e na vida. De acordo com Korbes (2014) as experiências que as pessoas do grupo adquiriram ao longo do tempo, servem também como forma de aprender, escrevê-las ou expressá-las oralmente em forma de narrativas e assim construir novas memórias, mais saberes com leitura, escrita, posição e empoderamento.

Por empoderamento entendemos com os autores que estudam Paulo Freire trazendo um significado novo a palavra, que antes significava conceder ou conseguir poder. Segundo Valoura (2005) Freire designa a palavra empoderamento para o professor, instituição ou aluno que efetiva a mudança por si mesma, é aquele que não espera acontecer, ele faz acontecer. As mudanças que ele gera evolui a si mesmo e o fortalece diante de seus objetivos.

Assim, orientei meu trabalho de TCC baseado na pesquisa da professora Lenita Maria Korbes² (2014), observando que “é necessário alfabetizar-se também, para compreender o quanto é relevante conhecer as pessoas que estudam na EJA, qual foi seu processo formativo, onde e como vivem, o que sabem, o que estudam e o que querem e gostariam de aprender ainda, elementos necessários para delimitar e desenvolver um projeto de alfabetização”. A pesquisa foi realizada na sala de aula

² Professora do Curso de Pedagogia e Orientadora do Projeto PIBID Interdisciplinar Letras e Pedagogia – UNEMAT, Câmpus Universitário de Sinop-MT.

do Centro Espirita Maria de Nazaré adultas e de uma turma da EJA de uma escola municipal, onde atuo como bolsista do projeto PIBID, os sujeitos da pesquisa são pessoas adultas. A coleta de dados foi realizada no primeiro e no segundo semestre de 2017 (6ª e 7ª fase Formativa do Curso de Pedagogia da UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso).

Analizamos as entrevistas realizadas com os alunos adultos, dando enfoque principalmente nas causas do êxodo escolar e as consequências que foram acarretadas por ele. Ao fim da execução da pesquisa foi possível entender melhor a realidade dos estudantes da educação de jovens e adultos, e compreender os motivos pelos quais cada um voltou à sala de aula. O estudo em si, nos faz olhar com novos olhos a EJA e compreender a importância que o assunto possui. Para todos e todas que se aventuram na tarefa da alfabetização.

Entendemos por Alfabetização conforme consta no documento do Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, Elementos Conceituais e Metodológicos para Definição dos Direitos de Aprendizagem, e Desenvolvimento do Ciclo de Alfabetização (1º, 2º e 3º Anos) do Ensino Fundamental (2012, p. 27) que define “em um sentido stricto, alfabetização seria o processo de apropriação do sistema de escrita alfabético. Para que o indivíduo se torne autônomo nas atividades de leitura e escrita, ele precisa compreender os princípios que constituem o sistema alfabético, realizar reflexões acerca das relações sonoras e gráficas das palavras, reconhecer e automatizar as correspondências som-grafia”. A condição dos sujeitos à leitura, ao cálculo, interpretação e escrita de palavras, frases, textos supõe o entendimento do sistema alfabético acerca das relações entre fonemas e grafemas.

Já no sentido amplo, alfabetização é compartilhar a vivência do educando e do educador tornando os sujeitos autores, produtores e protagonista de sua própria história, valorizando o conhecimento individual, cultural e social. O conceito de alfabetização para Paulo Freire tem um significado mais abrangente, na medida em que vai além do domínio do código escrito, pois, enquanto prática discursiva, “(...) leitura crítica da realidade, constitui-se como um importante instrumento de resgate da cidadania e reforça o engajamento do cidadão nos movimentos sociais que lutam pela melhoria da qualidade de vida e pela transformação social” (FREIRE, 1991, p. 68).

Paulo Freire (1991) continua afirmando que para que seja possível garantir que o processo de alfabetização atinja o maior número de pessoas de classes pobres é necessário debater intensamente sobre esse assunto em universidades, escolas e principalmente nos meios de comunicação de massa. A alfabetização das classes mais pobres é necessária, por meio dela é possível exercer efetivamente a cidadania e desempenhar com destaque seu papel em meio a sociedade. Além de possibilitar o exercício de sua independência ao realizar atividades do cotidiano sem o auxílio de terceiros.

2 O CAMINHO DA PESQUISA

As bases da pesquisa a seguir seguem por meio do levantamento de dados com a análise qualitativa, sendo a pesquisa de campo, pois a investigação permite a coleta de dados no ambiente do grupo Maria de Nazaré, onde atuo como acadêmica do Curso de Pedagogia e bolsista desde o ano de 2015 no PIBID sob a coordenação de minha orientadora e professora do grupo de alfabetização de adultos do centro Espirita Maria de Nazaré, Lenita Maria Korbes.

A pesquisa de campo foi realizada com o objetivo de levantar dados acerca da realidade presente dos estudantes da EJA. Essa modalidade de pesquisa é “utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 186).

Na pesquisa de campo se descreve o estudo que é feito de maneira direta, ou seja, junto às próprias fontes informativas, sem o uso de dados secundários extraídos de publicações. “A pesquisa de campo tem por objetivo a coleta de elementos não disponíveis, que ordenados sistematicamente [...] possibilitem o conhecimento de uma determinada situação, hipótese ou norma de procedimento” (MUNHOZ, 1989, p. 84).

A priori, antes de ser realizada a observação em conjunto com os estudantes da EJA, foi realizada a pesquisa bibliográfica, que consiste em levantar dados a respeito do tema estudado, em tese, livros, documentos impressos e digitais que pudessem comprovar ou ressaltar o caráter de suma importância de dada pesquisa.

Seu objetivo é colocar o pesquisador em contato com as fontes já publicadas sobre o assunto a ser levantado (MARCONI; LAKATOS, 2003).

A observação consiste em coletar dados analisar os elementos presentes na realidade de certo indivíduo ou grupo. Marconi e Lakatos (2003) classificam a observação como um modo de determinar e examinar fenômenos, ver e ouvir os elementos a ser analisado. O tipo de observação realizada para a conclusão da referida pesquisa foi a participante, em que o pesquisador participa dos eventos da comunidade pesquisada. A realização da pesquisa, de campo, permitiu a coleta de dados através de observações e entrevistas no ambiente natural do grupo. Desse modo, Alarcão e Tavares (1987, p. 103) afirmam que:

No contexto escolar, a observação é o conjunto de atividades destinadas a obter dados e informações sobre o que se passa no processo de ensino/aprendizagem com a finalidade de, mais tarde, proceder a uma análise do processo numa ou noutra das variáveis em foco. Quer isto dizer que o objeto da observação pode recair num ou noutro aspecto: no aluno, no ambiente físico da sala de aula, no ambiente sócio relacional, na utilização de materiais de ensino, na utilização do espaço ou do tempo, nos conteúdos, nos métodos, nas características dos sujeitos, etc.

Na coleta de dados foram utilizadas técnicas, a observação que ajuda o pesquisador a identificar e a obter provas a respeito de objetivos sobre os quais o indivíduo não tem consciência, mas que orientam seu comportamento (MARCONI; LAKATOS, 2010). A observação na EJA é importante para se obter informações sobre o que ocorre no processo de ensino e aprendizagem, para assim conhecer como as pessoas adultas se envolvem no espaço físico em sala, sua socialização com os demais, na utilização dos materiais de ensino, na utilização do tempo em relação aos estudos.

O levantamento de dados foi realizado através da entrevista, que consiste em um “encontro entre duas ou mais pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 195). Os dados foram analisados por aspectos qualitativos, onde. O pesquisador avalia os dados de forma que a qualidade vem em primeiro plano, estatística e estimativas numéricas não fazem parte do método

qualitativo, esse método é ideal ao se estudar as especificidades de determinado grupo ou sujeito.

De acordo com Minayo (1994) A pesquisa qualitativa sendo o estudo de campo, permite aprofundar através de observação e entrevista o conhecimento voltado para um determinado grupo, conhecendo assim sua estrutura social, o convívio com os demais componentes, saber e entender como são suas regras e costumes, tornando-se assim mais fácil obter informações verdadeiras dos entrevistados em seu ambiente natural.

Trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 1994, p. 21-22).

A pesquisa é de abordagem qualitativa conforme fundamentam os autores já citados. O objetivo da coleta de dados e apuração destes foi buscar entender melhor os motivos que os jovens e adultos retornaram aos estudos escolares.

3 CARACTERIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DESENVOLVIDAS NA ESCOLA

Os alunos da educação de jovens e adultos são pessoas experientes com diferentes bagagens culturais. Devido ao tempo que os mesmos permaneceram longe das salas de aula, aquilo que é visto sofre mudanças em relação ao que é comum no ensino regular. Dado as diferentes maneiras de comportamentos presentes na EJA o educador procura enfatizar aquilo que o estudante já sabe fazer se sentir importante e parte ativa de um grupo auxilia na autoconfiança dos estudantes o que acarreta uma maior facilidade ao compreender os conteúdos vistos em sala de aula.

O processo de alfabetização na Educação de Jovens e Adultos ocorre diferentemente. Enquanto os jovens saíram a pouco tempo das escolas, e possuem experiências negativas:

A imagem que os educandos têm da escola tem muito a ver com a imagem que têm de si mesmos dentro dela. Experiências passadas de fracasso e

exclusão normalmente produzem nos jovens e adultos uma autoimagem negativa. (RIBEIRO, 2001, p. 01).

Enquanto os jovens se sentem presos e obrigados a repetir ciclos já vividos antes nas salas de aulas por eles frequentadas, os adultos têm visões diferentes a respeito da escola, a falta de familiaridade com a sala de aula desperta neles a curiosidade de voltar ou para aqueles que nunca frequentaram ser finalmente um aluno, sentar-se em uma cadeira, abrir um caderno e por fim escrever sem auxílio de terceiros o seu nome na folha do caderno e em sequência lê-lo em voz alta, para que todos presentes possam presenciar sua evolução. Pequenas atitudes para os estudantes que depois de um longo período fora de sala de aula, podem ser altamente cooperativas para seu aprendizado.

Ribeiro (2001, p. 42) ratifica o carinho que esses estudantes sentem pela escola na seguinte fala, “Quase sempre, apesar de se referirem à precariedade dessas escolas, lembram delas com carinho e sentem com pesar o fato de terem tido de abandoná-la ou de nunca terem tido chance de frequentá-la”. Apesar da importância de discutir políticas públicas e ir mais a fundo nas causas de desistência escolar por jovens, o ponto principal da efetivação da presente pesquisa são os adultos que após muito tempo voltaram a estar em meio educacional.

Esses adultos muitas vezes se sentem inferiores devido à sua idade, é comum ouvir frases como, não posso escrever isso, sou muito velha e não consigo aprender, ninguém tem paciência comigo, agradeço muito por sentar e me ensinar e ter paciência comigo. “Experiências passadas de fracasso e exclusão normalmente produzem nos jovens e adultos uma autoimagem negativa” (RIBEIRO, 2001, p. 43).

Como auxiliadora no projeto, procuro valorizar cada passo avançado, seja escrevendo o próprio nome ou lendo uma palavra que antes era impronunciável na concepção deles. É incentivando esses estudantes e alcançar seu potencial que a educação é implementada. Procurando exaltar o potencial que cada aluno do EJA possui e as suas vivências são pensadas para tornar os alunos construtores do próprio conhecimento. Buscamos abordar assuntos que os mesmos já têm conhecimento, são conteúdo do cotidiano que se tornaram conhecimento. Cestari (2004, p. 02) descreve o modo como as disciplinas devem fazer conexão com a realidade dos estudantes. A escola de EJA precisa estar em sintonia com as especificidades do aluno jovem, adulto, trabalhador oferecendo não apenas o

acesso aos conhecimentos construídos historicamente, mas proporcionando momentos de trocas de experiências, de contato com as diferentes produções culturais.

Observamos que o entendimento dos estudantes do grupo Maria de Nazaré, quando é algo que eles já conhecem é muito mais simples, que de acordo com Korbes (2014) eles criam correlações entre os assuntos abordados e aquilo que elas já sabem, como a receita de um bolo. Elas conseguem entender a quantidade exata de cada ingrediente, exercitando a matemática, e ao copiá-la da lousa elas exercitam sua escrita e quando compartilham entre si estão exercitando a convivência em grupo e a descoberta de novos saberes.

O educador da EJA além de ser professor, é necessário conhecer melhor seus alunos, entender mais amplamente a vida daquele a quem orienta. A relação que o educador cria com seus alunos facilita o processo de ensino aprendizagem. Como educadores, pensamos em atividades que contribuam para o ensino, na educação de jovens e adultos, é trabalhado os conteúdos de matemática, português, artes dentre outras mais. Buscamos enfatizar a importância da cidadania, assim como ressalta a Proposta Curricular Para o Ensino de Jovens e adultos (2001, p. 46) “a escola é um Espaço especialmente propício para a educação da cidadania: um espaço para aprender a cuidar dos bens coletivos, discutir e participar democraticamente, desenvolver a responsabilidade pessoal pelo bem-estar comum”.

Parte dos conteúdos descritos acima são abordados através de atividades criativas e com o trabalho em grupo. No grupo Maria Nazaré realizamos teatros, musicais e discussões. A troca de ideais e incentivo de produção nos torna mais seguros de si, a ponto de compartilhar conosco suas pequenas conquistas relacionadas a educação que muitos guardam apenas para si. Buscamos compreender a realidade com os conteúdos que precisa ser aprendido.

Em certa aula, observei em um sábado à tarde no grupo Centro Espírita Maria de Nazaré, um dos acadêmicos Pibidianos escreveu no quadro uma música ao qual suas estrofes foram classificadas por números romanos, foi surgindo os questionamentos do significado em torno daquelas letras. Os Pibidianos com auxílio da Professora Lenita Maria Korbes explicaram aos estudantes adultos os significados em torno dos números romanos, como são facilmente percebidos em relógios, bíblias e outras representações. Conforme auxiliávamos a eles a compreender

melhor a simbologia dos algarismos romanos, sentei com um dos alunos para auxiliá-lo, ele me disse, “finalmente compreendi o que está escrito no meu relógio”. Percebi que em seu pulso havia um relógio cujos números eram romanos, perguntei a ele, como ele conseguia olhar a hora? Ele me respondeu: “eu aprendi isso sozinho, quando eu comprei esse relógio só tinha desse tipo, aprendi por aí”. No decorrer da aula, surge outro questionamento, os estudantes correlacionaram a palavra romano com o local onde o Papa vive. Roma foi o tema escolhido para estudar na próxima aula, uma forma deles entenderem melhor a história.

Percebemos que essa é uma das qualidades do ensino de jovens e adultos, eles entendem a função do conteúdo aplicado para vida real, nos resta aprender a sua fundamentação teórica, apenas ajudamos a descobrirem o seu imenso potencial.

A educação de jovens e adultos vai muito além do que apenas ensiná-los a ler e escrever, procuramos auxiliá-los para poderem exercer um papel mais ativo com suas famílias e nas comunidades que participam, além de possibilitar que eles consigam certa independência, ao não precisar de terceiros para ler um certo preço ou até mesmo uma placa no ônibus. Durante os auxílios individuais, é possível perceber as dificuldades apresentadas pelos adultos como, visão, mãos trêmulas devido à idade, torna explícita a luta em escrever uma letra é como se em todos os momentos estivessem lutando contra si próprios. Suas mãos tremulas e seus nervos rígidos devido a ação do tempo torna a conquista de escrever sozinho mais saborosa, conseguimos ver a felicidade exposta em seus semblantes ao aprender uma palavra nova.

Conhecer as letras, os sons, a escrita, faz com que eles retornem nos próximos encontros, mostrando o que fez em casa e a se perguntar o que vou aprender hoje. Ao final dos encontros todos querem despedir com abraços e votos de boa semana. Aqueles abraços me representam muito mais, me passam gratidão em cada palavra que ouvimos é recíproca, também sinto agradecida por esses momentos em que podemos compartilhar nossos aprendizados.

A seguir veremos os testemunhos de alguns dos adultos que cursam a educação de jovens e adultos. Existem dois centros da EJA retratados aqui, o projeto de alfabetização Maria Nazaré e a Escola Municipal de Educação Básica Professor Jurandir Liberino de Mesquita, como participo ativamente de ambos,

relatei experiências dos estudantes, os motivos que os levaram a abandonar as salas de aula e o que fizeram retomar e ingressar na educação de jovens e adultos.

3.2 A TRAJETÓRIA DE VIDA DOS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Para obter os dados desejados para a conclusão da referida pesquisa, houve um processo de apuração de informações, colhidas diretamente com aqueles que presenciaram as dificuldades que o êxodo escolar precoce os trouxeram. O processo de coleta de dados se baseou em entrevistas, esse modelo de obter os dados pretendidos foi escolhido, pois deixa o pesquisador mais próximo daquele que é pesquisado e sendo pesquisado também.

Como acadêmica e auxiliadora dos alunos no projeto que visa mantê-los nas salas de aula, já conhecia um pedaço pequeno de sua história, as entrevistas me possibilitaram aproximar e a entender as dificuldades e as realizações que ocorreram em suas vidas. Muitos deles, assim como o dito anteriormente, passaram por diversas adversidades ao longo de suas vidas, o que acarretou o abandono da escola para o trabalho árduo, muitas vezes obrigados por seus progenitores a deixar a escola e ir trabalhar em serviços pesados em prol a ajuda financeira da família.

Alguns dos entrevistados antes de entrarem no projeto não possuíam as noções básicas de escrita e leitura, alguns deles não compreendiam como escrever o próprio nome. Em uma das entrevistadas declarou que uma de suas maiores realizações foi conseguir assinar o próprio nome em sua carteira de trabalho. Assim segue a descrição de cada entrevista e um olhar mais amplo sob cada testemunho, suas conquistas, suas dificuldades e sua visão de futuro após a volta à escola. A identidade dos entrevistados será preservada e cada aluna e aluno será denominado por nome fictício.

As entrevistas são respectivamente duas mulheres do projeto Maria de Nazaré 67 a 63 anos e quatro estudantes da escola Municipal de Educação Básica Professor Jurandir Liberino de Mesquita, sendo três homens entre 40 a 60 anos e uma mulher de 53 anos. As partes que contém as respostas dadas pelos estudantes entrevistados nas perguntas feitas foi destacada para a melhor compreensão do

leitor e da leitora. Os estudantes serão denominados por cores, procurando respeitar a identidade dos mesmos.

3.3 ENTREVISTA COM A ESTUDANTE ROSA, DE 62 ANOS

Rosa frequenta atualmente o projeto Maria de Nazaré, relatou em seu testemunho que estudou apenas ao período equivalente a primeira série, sua cidade natal é Paranavaí (PR). Os trechos a seguir correspondem as falas proferidas pela estudante Rosa quando perguntado sobre a infância da mesma:

(01) Estudante Rosa: Minha infância eu trabalhava é... Na roça assim, tinha que trabalhar... Trabalhar o dia inteirinho, senão... Aí de tarde, nós trabalhávamos de manhã e de tarde íamos para a escola, aí. Estudei um ano, e depois meu pai não nos colocou na escola, não.

A figura patriarcal, presente ativamente não só na vida da estudante, mas muito comumente vista nas entrevistas realizadas, possuem um papel significativo no abandono escolar, percebemos que a figura materna é pouco comentada.

Perguntei a ela se no período que frequentou a escola ela aprendeu a ler ou a escrever; ela me relatou que no período de um ano ela não aprendeu a ler e escrevia o básico, ler eu vim aprender aqui, disse ela se referindo ao projeto de educação de jovens e adultos Maria de Nazaré. Podemos aqui destacar falas de Ponce (2007), em que enfoca na educação rígida que levava aos alunos a optarem pela desistência escolar ao invés de uma formação continuada.

Quando perguntado se não saber ler afetou de alguma forma em sua vida ela respondeu que;

(02) Estudante Rosa: Até que atrapalha um pouco não saber ler, mas só que a gente que não sabe ler, quando a gente vai assim pegar os ônibus a gente procura pelo os outros e vai embora.

Percebemos que as dificuldades enfrentadas por elas estão diretamente ligadas às suas tarefas cotidianas, são problemas que em todos os dias as mesmas devem enfrentar.

A estudante Rosa em sua entrevista disse que sua família era constituída por 12 irmãos, ela que é a mais velha da família, estudou pelo menos por um ano quanto aos outros irmãos, nenhum deles estudou. A estudante quando perguntada sobre o motivo de não saber ler declarou que:

(03) Estudante Rosa: Era meu pai né, ele era muito severo, tinha que trabalhar na roça, ele era assim ó, ele era pescador, enquanto ele pegava o peixe e mandava a gente trabalhar e nos que ficávamos lá, nos que ficávamos trabalhando na roça, na hora de receber ele que ia lá receber e fazer compras.

Aqui a exemplo claro da figura masculina como autoridade máxima na família, percebe-se que os adjetivos usados para descrever a personalidade dos pais são em sua maioria para descrever atitudes autoritárias e domínio.

Uma das perguntas feita a ela era a respeito do preconceito sofrido por não saber ler nem escrever;

(04) Estudante Rosa: Sofri preconceito lá onde eu trabalhava, por isso que eu estou estudando, meu patrão me disse assim, dona Rosa, a senhora dessa idade não sabe nem ler, mas eu falei assim, mas eu estou estudando e estou aprendendo, tem seis anos que eu estou lá, ele disse para mim, agora senhora está aprendendo, eu olho os negócios e vejo, eu faço limpeza né, aí tem os papéis lá e eu fico olhado e lendo os papeis.

Paulo Freire (1992) descreve o ato ler o mundo a sua volta mais significativo de que a leitura das palavras, a estudante Rosa possuía grandes dificuldades na leitura, apesar disso, nada impedia de trabalhar com o que conhece e ser boa no que faz. Voltar a estudar foi uma forma dela se superar e provar a si mesmo e a terceiros sua capacidade.

A estudante Rosa trabalha como zeladora e aprendeu a ler e escrever aos 58 anos por meio do grupo de estudos projeto Maria de Nazaré, ela tem 3 filhos e

procura incentivá-los a sempre estudar e não abandonar as salas de aulas. Para ajudá-los com suas tarefas escolares ela pedia ajuda de uma de suas vizinhas. O ato de estudar para as mulheres entrevistadas se revela de extrema importância, pois as mesmas já caminharam sob o mesmo caminho e sabem a dificuldade que se tem quando não é alfabetizado, procuram sempre influenciar seus filhos a seguir os caminhos da educação.

Questionei a ela se alguma vez já havia perdido alguma oportunidade de emprego devido à falta de familiaridade com a leitura;

(05) Estudante Rosa: Perdi, uma vez eu trabalhava na escola e tive que sair por que não tinha curso, trabalhei na escola por três anos, aí falaram assim, aí dona Rosa, não vai dar para a senhora ficar não por que a senhora não tem estudo e não tem curso, aí me mandaram embora.

O estudo ao qual ela se refere se trata do ensino médio, as escolas estaduais oferecem cursos profissionalizantes aos seus funcionários, sendo com o término do curso o salário teria um aumento de quarenta por cento aqueles que o possuem. Essas são a preferência sob o cargo almejado, a competência do funcionário não se coloca em primeiro lugar.

Ela disse que voltou a estudar para aprender mais e estudar e poder fazer um curso, e principalmente aprender a ler e escrever. O curso que a aluna Rosa pretende fazer é relacionada à escola, seu objetivo é fazê-lo para voltar a trabalhar em escolas. E por fim eu perguntei a ela se saber ler e escrever era importante, ela respondeu;

(06) Estudante Rosa: Sim; eu acho, agora mesmo vou tirar outra identidade assinada, minha identidade era no dedo, agora eu mesmo vou ali assinar.

Ao falar que iria fazer uma nova identidade na qual ela mesma iria assinar, foi possível ver o brilho nos seus olhos, para ela, esse pequeno gesto simbolizava uma grande conquista em sua vida. O que me marcou nessa entrevista que seu maior sonho seria frequentar uma sala de aula presencial todos os dias da semana, pois por morar a vinte quilômetros da cidade não tem condições de vir até a cidade todas

as noites. Sendo assim por ser uma hora por semana, o projeto Maria de Nazaré é muito importante para o seu aprendizado.

2.4 ENTREVISTA COM A ESTUDANTE LILÁS DE 53 ANOS

A estudante Lilás trabalha como empregada doméstica e nasceu em Barreiras (BA) e é estudante da Educação de Jovens e adultos da escola municipal Jurandir de Mesquita. Comecei perguntando a ela como foi sua infância:

(07) Estudante Lilás: A minha infância foi bem difícil né, já a começar pelos filhos. Eu não estudei por que meu pai era muito duro com nós, ele era dono de fazenda e dava aquela tarefa para nós trabalhar na roça e se a gente não trabalhasse e fizesse aquela tarefa ali ele não deixava a gente estudar. Nós somos em muitos irmãos e tem um bocado deles que eu não conheço. A falta de condições financeiras e o grande número de pessoas na família da aluna Lilás acarretaram a desistência escolar.

Quando perguntado se algum deles teve a oportunidade de estudar ela respondeu:

(08) Estudante Lilás: Sim, minha irmã estudou a mais velha, ela estudou o ensino médio, ela trabalha em firma. Quanto aos estudos dela; eu não estudei, por que meu pai dava tarefa para a gente fazer aquela tarefa na roça, meu pai era muito rígido, nós nunca tivemos aquela oportunidade de ler de ir para o colégio, então nós nunca tivemos isso né, nunca fui para a escola, vim começar a estudar agora aqui.

Percebemos que Ponce (2007) destaca que o trabalho infantil ocasionou grande número de evasão escolar, enquanto os filhos de seus patrões estudavam as crianças o serviam como empregadas, influenciadas pelos seus pais que pela falta de conhecimento, permaneciam estáticos diante de tal situação. Perguntei a ela se ela havia sofrido preconceito por não saber ler:

(09) Estudante Lilás: Já muitas vezes, a gente viaja e tem que ficar perguntando para as pessoas e tem meu marido também que às vezes eu peço para ele ler a bíblia, né, às vezes ele recua e às vezes ele não tem paciência e eu já fico meia triste né, então por isso que eu estou aqui no colégio para eu aprender.

Com base no que foi dito pela estudante Lilás é possível fazer correlações com aquilo que Brasil (2002, p. 42) descreveu em relação a EJA, "Especialmente as mulheres, referem-se muitas vezes também ao desejo de ajudar os filhos com os deveres escolares ou, simplesmente, de lhes dar um bom exemplo". Para a aluna a importância da educação se aplica na independência que ela pode adquirir após o processo de letramento, segundo ela, seu maior desejo seria não pedir ajuda a outras pessoas.

Mesmo frequentando assiduamente as aulas da escola Jurandir Liberino de Mesquita. A estudante ainda não tem o total domínio da leitura e da escrita, ela declara que mesmo conhecendo a maior parte das letras ela ainda não consegue encaixar todas elas, mas reconhece grande parte das descritas na lousa que as professoras que instruem sempre nas aulas.

A entrevistada possui três filhos e ao ser perguntada sobre como ela fazia para auxiliá-los nas atividades a estudante nunca pode auxiliá-los já que ela não sabia ler nem escrever. A próxima pergunta era baseada nas oportunidades de emprego que a mesma havia perdido;

(10) Estudante Lilás: Já, de ensinar a fazer cocada em uma firma em Brasília, eu sabia fazer, mas como eu não sabia ler, só assinava meu nome, mal é muito ruim, por isso que eu perdi essa oportunidade de ensinar a fazer cocada.

A sociedade atual visa o conhecimento tecnológico como moeda de troca, Ferreira (2001) destaca essa inversão, antes o procurado em um funcionário seria sua força de trabalho, atualmente a demanda e pede por pessoas aptas e com vasto conhecimento em diferentes áreas, a estudante Lilás sentiu em sua própria pele as dificuldades de se adequar a essa sociedade atual.

A estudante Lilás disse que seus motivos para voltar a estudar se baseava no anseio por independência: a gente vai ficar só dependendo, dependendo de um e de

outro, meu marido tem as obrigações dele e eu também tenho as minhas, então eu tenho que aprender a mexer com as minhas coisas, por que a gente nunca sabe o dia de amanhã né, hoje a gente está viva amanhã pode não estar. Ao perguntar se ser alfabetizada era importante em sua vida ela me respondeu que:

(11) Estudante Lilás: Sim, pois ninguém iria engana-la, a gente sabendo ler, ninguém vai passar a perna em você, você tem que assinar um papel você não sabe o que está escrito, você tem que aprender tudo isso. Se eu aprender a ler vou ter outra visão, eu vou aprender a ler e escrever, eu vou poder ir em uma loja e ver os preços, vou fazer uma feira e vou ver os preços, comparar juntar ali ver quanto que deu, vou ir no banco sem precisar de ninguém.

Por fim perguntei a ela quais eram suas perspectivas para o futuro logo após ser alfabetizada;

(12) Estudante Lilás: Meu sonho é de colocar alguma coisa assim em casa para eu vender e ler a bíblia quando eu vou dormir, e não sei ler né, aí eu fico meio triste, mas é assim mesmo né.

A estudante Lilás como visto acima, possui anseio por independência, assim como grande parte dos estudantes da EJA, depender do marido ou de terceiro faz com que ela se sinta triste consigo mesma. A EJA propiciou a ela o prazer de ler sua própria bíblia e dessa vez sem o auxílio de ninguém, é com o olhar de gratidão mútua dos educandos da EJA que nosso trabalho é movido.

4 CONCLUSÃO

Os estudantes escolhidos para realizar as entrevistas possuem histórias muito parecidas, todos foram afastados da escola devido aos afazeres domésticos, necessidade dos familiares e as suas próprias. Desde muito cedo devido à falta de condições financeiras foram forçados a realizar o trabalho braçal. Deparamos com situações com importâncias e dificuldades semelhantes e ao mesmo tempo difusas, no primeiro testemunho que, assim como Paulo Freire (1979) destaca que mesmo

não possuindo o conhecimento produzido pela escola cada um possui seu conhecimento específico. Que se torna o caso da estudante Rosa, que mesmo não sendo alfabetizada, não ter o conhecimento da leitura e nem da escrita, tinha todo o conhecimento prático da produção do produto referido acima. Ponce (2007) relata que a industrialização severa exige os conhecimentos técnicos e a escola acaba se adequando a realidade imposta pelos meios de produção. A não se encaixando nesse padrão que a industrialização impõe e acaba perdendo a oportunidade do emprego.

O mesmo acontece no decorrer dos testemunhos, os alunos não se encaixando nos padrões impostos pela indústria tem como única via a venda de sua mão de obra, cuja qual exige extremo esforço de todos os entrevistados. Seja limpando casas de família a semana toda ou carregando grandes e pesadas quantidades de madeira.

Canivez (1990) coloca o trabalho como a base da sociedade, logo após o século XIX o trabalho tem sido visto como forma de domar a natureza e fazer dela o ambiente ideal e que propiciasse todo o conforto necessário a classe burguesa, o trabalho aqui é visto como valor central. O autor continua afirmando que em uma sociedade moderna é necessárias iguais oportunidades para que haja a divisão justa do trabalho, para que apenas os mais competentes possam exercer tal tarefa, diferente do visto hoje, onde não basta ter capacidade, mas sim uma série de artifícios que apenas os mais abastados possuem.

Mesmo possuindo o conhecimento capaz de exercer o cargo, sua mão de obra é descartada, devido a evasão escolar, isso a tornou inapta para o trabalho proposto. De acordo com Canivez (1990) se as oportunidades fossem devidamente igualitárias, os únicos artifícios usados para exclusão seria suas próprias limitações tais como de iniciativa e de trabalho. Ao final vemos que a falta de oportunidade afeta drasticamente a vida dos estudantes entrevistados.

Podemos perceber no decorrer das entrevistas que muitos deles, além de desistir do ambiente escolar por pressão patriarcal, também se sentiram exaustos de rotinas cansativas e constantes reprovações.

Ponce (2007) relata o fato de a escola elitizada ser utilizada para afastar aqueles de origem humilde, que se veem em uma realidade totalmente contrária aquela vivida por ele acaba por fim desistindo pelo fato de não se encaixar no meio

elitista, “a criança era sobrecarregada com conhecimentos, sem se lhe dar previamente, ou concomitante, a enzima que precisava para assimilá-los” (Ponce 2007, p.162).

Por fim, percebemos que os entrevistados veem na educação uma porta que os leva a uma vida nova. Paulo Freire (1978) ressalta que ao buscar pela educação o oprimido pode andar agora pelos caminhos de libertação para escrever sua própria história, ser agora o personagem e não mais o telespectador.

Mesmo em meio a diversas adversidades os alunos entrevistados não desistiram de prosseguir no ambiente escolar, alguns veem isso como uma vitória pessoal e outros mais uma etapa de suas vidas vencidas com sucesso. Mas todos aqueles e aquelas que convivi durante o período na EJA enxergam a educação como uma porta aberta para a libertação e para que finalmente sejam ouvidos.

THOUGHTS ON THE POSSIBILITIES OF EMPOWERMENT OF PEOPLE WHO STUDY IN ADULT AND YOUTH EDUCATION

ABSTRACT³

The article aims to investigate the reality of the students who attend the Education of Young and Adults, in which the life histories of these students who have returned to their studies are addressed. The data were collected through participatory research and bibliographic research in books and virtual materials. The objective of the research is to highlight the difficulties faced by these students. The theoretical reference was based on authors who defend education as a form of liberation such as Paulo Freire and Lenita Maria Körbes. It is concluded that the Education of Young and Adults has a prominent role in the life of these students allowing their independence.

Keywords: Youth and Adult Education. Students and Adults.

³ Resumo traduzido por Luciane Ferreira Graduada em Letras, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus universitário de Sinop, atua na área da educação com professora em escola pública.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Educação para jovens e adultos**: ensino fundamental: proposta curricular -1º segmento. São Paulo: Ação Educativa; Brasília: MEC, 2002. 239 p.

CANIVEZ, Patrice. **Educar o Cidadão?** Campinas: Papyrus, 1991.

CESTARI, Rosangela Maria. **A caracterização do aluno adulto frente ao desafio de assegurar sua permanência na escola**, 2004. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1848-8.pdf>>. Acesso em: 17 jul. 2017.

ROSA. **Rosa**: depoimento [abr. 2017]. Entrevistadora: Vilma Leite Albuquerque Conceição. Sinop: UNEMAT, 2017. 2f. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso sobre as Reflexões Sobre as Possibilidades de Empoderamento das Pessoas que Estudam na Educação de Jovens e Adultos

FERREIRA, Maria Conceição. **Educação de Jovens e Adultos**: especificidades, indagações e perspectivas. Disponível em: <Http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/proeja_esp_conceicao.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2017.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade** São Paulo: Cortez, 1991.

_____. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

KÖRBES, Lenita Maria. **Educação e o processo de Alfabetização de mulheres adultos uma experiência ecoformativa na Amazônia Mato-Grossense**. Tese. UNISINOS, 2014.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

_____; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do Trabalho Científico**. 4 ed: São Paulo. Atlas, 2010.

LILAS. **Lilas**: depoimento [abr. 2017]. Entrevistadora: Vilma Leite Albuquerque Conceição. Sinop: UNEMAT, 2017. 2f. Entrevista concedida para o trabalho de conclusão de curso sobre as Reflexões Sobre as Possibilidades de Empoderamento das Pessoas que Estudam na Educação de Jovens e Adultos

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social**. Petrópolis: Vozes, 1994.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO EDUCAÇÃO DO ENSINO DE 9 ANOS, 2016. Disponível em <https://educacao.tce.mt.gov.br/downloads/41/5347/PPP__2016.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2017.

PONCE, Anibal. **Educação e Luta de classes**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SINGER, Paul. **Poder, política e educação**. São Paulo: Revista Brasileira de Educação, 1995.

Strelhow, ThyelesBorcarte. **Breve história sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil**, 2009. Disponível em:
<http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/38/art05_38.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2017.

SOARES, Magda Becker. **Letrar é mais que alfabetizar**, 2002. Disponível em:
<<http://intervox.nce.ufrj.br/~edpaes/Magda.html>>. Acesso em: 28 ago. 2016.

Correspondência:

Vilma Leite de Albuquerque Conceição. Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL), Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: vilmalak@gmail.com

Recebido em: 18 de novembro de 2017.

Aprovado em: 05 de dezembro de 2017.